

PMDB perde batalha

Andrei Meireles

Sentado na cadeira da liderança do PMDB em plenário, o deputado Luiz Henrique, cercado de parlamentares do PMDB, não escondia sua irritação: «Isso é inadmissível. Há deputados do PMDB viajando num momento importante como este. Desse jeito, vamos continuar sendo chantageados pelo PFL. Hoje, era o dia do nosso partido dar uma demonstração de unidade».

O desabafo de Luiz Henrique, momentos antes da verificação de **quorum**, baseava-se num levantamento de seus vice-líderes de que cerca de 20 parlamentares do PMDB estavam fora de Brasília. O pior estava por vir: sob o comando do deputado Carlos Santana, quase 80 parlamentares deixaram deliberadamente de responder à chamada nominal. Trata-se de uma bancada mais leal ao governo do que ao partido. Nomes como Milton Reis, Prisco Vianna, Roberto Cardoso Alves, Aécio Neves, Francisco Carneiro, Irapuã Costa Jr, Heráclito Fortes, Fernando Gasparian, entre outros, simplesmente não atenderam ao partido. Alguns inclusive estavam dentro do próprio plenário.

O **quorum** foi obtido com apertada e arriscada margem, inviabilizando a aprovação do substitutivo do senador Fernando Henrique Cardoso. O PMDB, com apoio dos pequenos partidos progressistas, quis derrotar numa tacada só as forças conservadoras, agrupadas no PFL, PDS, PL e PTB, e o governo. Não conseguiu.

Desde cedo, impasse claramente configurado, o comando do PMDB avaliava se dispunha ou não de forças suficientes para ir ao confronto. Nas sucessivas avaliações feitas no gabinete de Luiz Henrique, os resultados eram sempre os mesmos: imprevisíveis. Mesmo diante dos riscos, a maioria do partido, agastada com as ostensivas ingerências do governo e do PFL no próprio PMDB, queria o confronto. Após uma longa reunião com os coordenadores de bancada, Luiz Henrique assegurou: «Não recuaremos. Quem tem de recuar é o PFL. Caso contrário, decidiremos no voto».

A cúpula do PMDB tinha plena consciência das dificuldades e assistia, irritada, à articulação feita dentro do plenário por parlamentares conservadores do partido, sob a liderança de Carlos Santana.

O deputado Ulysses Guimarães, que também optou pelo confronto, queria a qualquer custo a votação na sessão de ontem. Ignorou os apelos dramáticos, reservados e públicos, feitos por Carlos Santana. Durante a chamada nominal, o PMDB, contudo, mudou sua estratégia: colocar o substitutivo em votação poderia significar a sua rejeição, pois dificilmente seriam alcançados os 281 votos necessários para sua aprovação. A batalha foi perdida. A decisão adiada.

Com mais poder de fogo, o governo espera ter vantagem como novo prazo. Para isto, dispõe, segundo levantamento feito pela Presidência da República, de 10 mil cargos como argumento. Abatidos e irritados, os comandantes da batalha pelo lado do PMDB pretendem neutralizar a ofensiva governamental e assegurar, na próxima votação, a presença de todo o partido. Ou, pelo menos, de todos que seguem a orientação do comando partidário.